As Aventuras de Alice no País das Maravilhas

Capítulo I.

Descendo a Toca do Coelho

Alice começava a se sentir muito cansada de ficar sentada ao lado da irmã no banco e não ter nada para fazer. Uma vez ou outra, espiava o livro que a irmã estava lendo, mas ele não tinha nem imagens nem conversas. “E qual é o sentido”, pensou Alice, “de um livro sem imagens e conversas?” Então, estava pensando (o tanto que conseguia, porque o dia quente a fazia sentir-se muito boba e cansada) se valeria a pena fazer um colar de margaridas, tendo em mente que teria de se levantar e colhê-las, quando, de repente, um Coelho Branco com olhos rosados passou correndo por ela. Não havia nada muito excepcional nisso; Alice também pensava assim, até ouvir o Coelho dizer para si mesmo: “Oh céus! Oh céus! Eu estarei atrasado!” (quando depois parou para pensar nisso, percebeu que deveria ter se maravilhado com aquilo, mas, naquele momento, tudo ocorreu de forma natural); mas, quando o Coelho tirou um relógio do colete, olhou para ele e se apressou, Alice se levantou repentinamente, pois lhe ocorreu que nunca tinha visto um coelho com colete, nem tirando um relógio dele. Com uma curiosidade imensa, correu pelo campo atrás dele e, felizmente, chegou a tempo de vê-lo descer uma grande toca de coelho embaixo da sebe. A toca do coelho seguia reta como um túnel por um bom trecho e então ia abaixo repentinamente, tão de repente que Alice não teve tempo de pensar em como se conter antes de se achar caindo em um poço muito profundo. Na verdade, ou o poço era muito fundo, ou ela estava caindo lentamente, pois tinha muito tempo para olhar ao redor e se perguntar o que iria acontecer agora. Primeiro, tentou olhar para baixo e ver no que cairia, mas estava escuro demais para enxergar alguma coisa; então, olhou para os lados do poço e notou que estavam cheios de armários e estantes; aqui e ali, viu mapas e quadros pendurados em ganchos. Pegou um pote de

uma das prateleiras ao passar, no qual estava escrito "MARMELADA DE LARANJA", mas, para sua infelicidade, estava vazio.

Não gostou da ideia de soltar o pote, pois tinha medo de matar alguém que estivesse embaixo; assim, conseguiu colocá-lo em um dos armários ao passar por eles. "Bem!", pensou Alice consigo mesma, "depois de uma queda como aquela, não vou pensar duas vezes antes de cair da escada! Como todos vão me achar corajosa quando chegar em casa! Ora, eu não diria nada sobre isso, mesmo que caísse do telhado!" (o que muito provavelmente era verdade). Abaixo, abaixo e abaixo. Será que teria um fim aquela queda? "Pergunto-me a quantos quilômetros já caí até agora?", disse em voz alta. "Devo estar chegando bem perto do centro da Terra. Vamos ver: isso seria seis mil quilômetros mais abaixo, eu acho" (pois, veja bem, Alice havia aprendido várias coisas desse tipo na escola e, mesmo que aquela não fosse uma oportunidade muito boa de mostrar seus conhecimentos — já que ninguém a ouviria —, ainda assim era bom mencioná-los), "sim, essa é a distância certa… mas eu me pergunto em qual latitude e longitude estou." (Alice não tinha ideia do que era latitude, ou mesmo longitude, mas achava que eram palavras bonitas de se dizer.) Logo começou de novo: "Será que vou cair direto no centro da Terra?! Quão engraçado vai ser aparecer no meio de pessoas que andam de cabeça para baixo! Os chamados Antípodas, penso eu" (ficou bastante feliz que ninguém tivesse ouvido isso dessa vez, porque não parecia ser a palavra certa). "Mas devo perguntar qual é o nome do país, sabe? Com licença, senhora, estamos na Austrália ou na Nova Zelândia?" — disse, tentando fazer uma reverência elegante enquanto estava em queda livre! (Você acha que conseguiria fazer isso?) "E que garotinha mais ignorante ela vai pensar que eu sou! Não, nunca adianta perguntar… talvez eu veja isso escrito em algum lugar." Abaixo, abaixo e abaixo. Não havia muito mais o que fazer; assim, Alice começou a falar de novo. "Acho que a Dinah vai sentir muito a minha falta esta noite!" (Dinah era a gata.) "Espero que se lembrem do prato de leite dela na hora do chá. Dinah, minha querida! Eu gostaria que você estivesse aqui comigo! Receio que não haja nenhum rato no ar, mas você poderia pegar um morcego — e isso é meio que um rato, não é? Mas será que gatos comem morcegos?" E aqui Alice começou a ficar com sono e continuou dizendo para si mesma, de um jeito sonolento: "Os gatos comem morcegos? Os gatos comem morcegos?" e, às vezes, "Os matos comem gorcejos?", porque, já que não conseguia responder à pergunta,

não importava como a formulasse. Sentiu que estava cochilando e começou a sonhar que caminhava de mãos dadas com Dinah, dizendo-lhe com muita sinceridade: “Agora, Dinah, fale a verdade: você já comeu um morcego?” Quando, de repente, pof! pof! Caiu em cima de uma pilha de gravetos e folhas secas, e a queda terminou. Alice não se machucou nem um pouco e, num instante, pôs-se de pé. Olhou para cima, mas estava tudo escuro; à sua frente havia outro longo corredor, e o Coelho Branco ainda estava à vista, correndo por ele. Não havia um momento a perder. Alice correu como o vento e chegou bem a tempo de ouvi-lo dizer, ao virar uma esquina: “Oh, minhas orelhas e bigodes, como está ficando tarde!” Estava logo atrás dele quando virou à esquina, mas o Coelho já não estava mais à vista. Viu-se então em um corredor longo e baixo, iluminado por uma fileira de lâmpadas penduradas no teto. Havia portas ao redor do corredor, mas todas estavam trancadas; e, depois de percorrer todo o caminho de um lado a outro, tentando todas elas, caminhou tristemente pelo meio, imaginando como conseguiria sair dali. De repente, ela se deparou com uma mesinha de três pernas, feita puramente de vidro; não havia nada sobre ela, exceto uma pequena chave dourada, e o primeiro pensamento de Alice foi que ela poderia pertencer a uma das portas do corredor; mas, infelizmente, ou as fechaduras eram muito grandes, ou a chave era muito pequena; de qualquer forma, ela não abria nenhuma delas! No entanto, na segunda volta, ela encontrou uma cortina baixa que não tinha notado antes e, atrás dela, havia uma pequena porta com cerca de trinta centímetros de altura. Ela tentou a pequena chave dourada na fechadura e, para sua grande alegria, ela encaixou! Alice abriu a porta e viu que ela dava numa passagem, não muito maior do que uma toca de rato. Ela se ajoelhou e olhou ao longo da passagem para o jardim mais lindo que você consegue imaginar. Como ela desejava sair daquele corredor escuro e passear entre aqueles canteiros de flores brilhantes e aquelas fontes refrescantes! Mas ela não conseguia nem passar a cabeça pela porta; “ainda que minha cabeça passasse”, pensou a pobre Alice, “seria de pouca utilidade sem meus ombros. Oh, como eu gostaria de poder me fechar como uma luneta! Acho que poderia, se soubesse por onde começar”. Pois, veja bem, tantas coisas estranhas tinham acontecido que Alice tinha começado a pensar que muito poucas coisas de fato eram impossíveis. Não fazia sentido esperar junto à pequena porta, então, ela voltou para a mesa, com uma leve esperança de encontrar outra chave sobre ela, ou pelo menos um livro de

regras sobre dobrar pessoas como luneta. Dessa vez, ela encontrou um frasquinho sobre ela (“que com certeza não estava aqui”, disse Alice) e ao redor do gargalo do frasco havia palavras grandes escritas lindamente num papel, dizendo “BEBA-ME”. Era muito fácil dizer “Beba-me”, mas a sábia pequena Alice não iria fazer isso precipitadamente. “Não, vou dar uma olhada antes” disse ela, “e ver se indica se é ‘*veneno*’ ou não”; porque ela havia lido histórias interessantes sobre crianças que se queimaram, foram devoradas por animais selvagens e outras coisas desagradáveis, tudo porque não se lembravam das regras simples que seus amigos lhes haviam ensinado: como por exemplo, que um atiçador em brasa vai queimar você se você segurá-lo por muito tempo; e que, se você cortar o dedo muito profundamente com uma faca, ele geralmente sangra; e ela nunca se esqueceu de que, se você beber muito de uma garrafa marcada com “veneno”, é quase certo que vai passar mal, mais cedo ou mais tarde. Entretanto, neste frasco não havia nada como “veneno” escrito, então Alice tomou a iniciativa, provou-o e gostou bastante (na verdade, tinha um sabor misto de torta de cereja, creme, abacaxi, peru assado, caramelo e torrada com manteiga quente); ela logo a terminou. “Que sensação curiosa!”, disse Alice; “Devo estar encolhendo como luneta.” E assim era mesmo: ela agora tinha apenas 25 centímetros de altura, e seu rosto se iluminou ao pensar que agora tinha o tamanho certo para passar pela portinha e entrar naquele lindo jardim. Primeiro, porém, ela esperou alguns minutos para ver se iria encolher ainda mais: ela se sentia um pouco nervosa com isso; “pois pode acabar, você sabe”, disse Alice para si mesma, “que eu suma como poeira no espaço. Eu me pergunto como eu ficaria então?” E ela tentou imaginar como seria a comparação de tamanho entre a poeira e uma estrela, pois não se lembrava de ter ouvido de tal coisa. Depois de um tempo, percebendo que nada mais acontecia, ela decidiu entrar no jardim imediatamente; mas, ai da pobre Alice! Quando chegou à porta, percebeu que havia esquecido a chave dourada e, quando voltou à mesa para pegá-la, percebeu que não conseguia alcançá-la: podia vê-la claramente através do vidro e tentou ao máximo subir em uma das pernas da mesa, mas era muito escorregadia; e quando se cansou de tentar, a pobre coitada sentou-se e chorou. “Vamos, não adianta chorar assim!”, disse Alice para si mesma, com certa severidade; “Aconselho você a parar com isso agora mesmo!” Ela geralmente dava bons conselhos a si mesma (embora raramente os seguisse) e, às vezes, repreendia-se tão severamente que chegava a chorar;

certa vez, ela se lembrou de ter tentado dar um tapa nas próprias orelhas por ter trapaceado em um jogo de croquet que estava jogando contra si mesma, pois essa criança curiosa gostava muito de fingir ser duas pessoas. “Mas agora não adianta”, pensou a pobre Alice, “fingir ser duas pessoas! Ora, mal sobra o suficiente para fazer uma pessoa respeitável!” Logo seus olhos se fixaram em uma pequena caixa de vidro que estava debaixo da mesa. Ela a abriu e encontrou dentro dela um bolinho muito pequeno, no qual as palavras “COMA-ME” estavam lindamente escritas com passas. “Bem, vou comê-lo”, disse Alice, “e se isso me fizer crescer, poderei alcançar a chave; e se me fizer encolher, poderei rastejar por baixo da porta; assim, de qualquer maneira, entrarei no jardim, e não me importo com o que acontecer!” Ela comeu um pedacinho e disse ansiosamente para si mesma: “Para que lado? Qual caminho?”, colocando a mão no topo da cabeça para sentir em que direção estava crescendo, e ficou bastante surpresa ao descobrir que continuava do mesmo tamanho: é claro que isso geralmente acontece quando se come bolo, mas Alice estava tão acostumada a esperar que coisas incomuns acontecessem que parecia bastante monótono e estúpido que a vida continuasse da maneira comum.

Então, ela começou a comer e logo terminou o bolo.